DISCURSO DE AGRADECIMENTO EM NOME DOS NOVOS SÓCIOS, NA SESSÃO SOLENE REALIZADA NO INSTITUTO DO CEARÁ EM 26 DE ABRIL DE 1977

J. C. Alencar Araripe

POSSE NO INSTITUTO DO CEARÁ

1 — **Historiografia dos Inhamuns**

2 — **Primeiros números de jornais**

3 — **Política e o Cientista Social**

Chegamos ao Instituto do Ceará desvanecidos com a honraria, mas igualmente dominados por agudo senso de responsabilidade. São sentimentos que prevalecem sobre quaisquer outros, porque diante de nós avultam a grandeza desta instituição e as notabilidades que congregou e ainda hoje reúne, em missão de indiscutível significado cultural.

Integrar os quadros do Instituto do Ceará é ambição natural e legítima de quem não se descuidou dos estudos sociais. Não quisemos constituir uma exceção. Nenhum homem é uma ilha, sentenciou John Dewey. E Kant afirmava que o ser humano tem uma inclinação a associar-se, porque em tal sentido se sente mais homem. É de Gabriel Marcel este pensamento: "uma força poderosa e secreta me assegura que se os outros não existissem, não existiria eu tão pouco". Ao que completa Jorge Xifra Heras: "A contingência dos homens, o ser só uma parte e não um todo, determina a necessidade de atuar com e sobre os outros em mútua comunicação, do que surge uma rede que une os seres humanos em ininterrupta interação. Unicamente a comunicação dos homens entre si facilita a perfeição de sua essência e de seu fim. A este respeito" — acrescenta Jorge Xifra Heras - — "escreveu Mannheim que estritamente falando, é incorreto dizer que o indivíduo singular pensa, pois seria mais correto insistir em que participa do pensar que outros homens hão pensado antes que ele".

Alto, portanto, e muito alto falariam a vontade e o empenho de pertencermos a esta grei ilustre. Pelo que fizemos de efetivamente válido, deixemos de lado a falsa modéstia, e pelo que podemos ainda realizar, animados pelo espírito aqui vivicante e influenciado pelo exemplo, que induz e comanda, dos construtores do Instituto e seus continuadores na projeção do tempo.

Obrigado, eminentes consócios, pelos votos generosos que nos conduziram até esta Casa e pelo acolhimento caloroso e amigo de agora, e que se traduz através da vossa presença a esta solenidade e do calor humano da saudação de Arruda Furtado, o brilhante intérprete do Instituto nesta noite de tão gratas emoções para Itamar Espíndola e para mim.

Obrigado, exmas. autoridades e prezadíssimos amigos, pelo comparecimento a esta cerimônia, a que emprestam relevo e distinção.

O Historiógrafo dos Inhamuns

Itamar de Santiago Espíndola sucede, no Instituto do Ceará, a Antônio Gomes de Freitas. Um arguto conhecedor do campo antropológico ocupa a vaga aberta com a morte, por todos muito sentida, de um apaixonado da historiografia.

Antônio Gomes de Freitas sentiu, ao longo da sua vida, a dominante influência paterna e do meio ambiente em que nasceu, os Inhamuns. Como seu pai, foi agricultor, criador e comerciante, em Tauá e Fortaleza, onde dirigiu associação de classe. Como ele, teve ativa militância política. O pai, homem de prestígio, leal e destemeroso, confinou-se à órbita municipal; o filho dilatou as fronteiras do mundo político. Na capital do Estado, elegeu-se vereador, presidiu a Câmara Municipal e foi Prefeito por quatro meses em 1937. Deputado estadual, teve mandato em quatro legislaturas, de 1951 a 1967, e exerceu a Vice-Presidência da Assembléia. Ao afastar-se das lutas partidárias foi nomeado para o Conselho de Contas dos Municípios.

Originário de uma região cenário de marcantes acontecimentos políticos, econômicos e sociais, a historiografia fascinou-lhe o espírito. Em jornais e revistas, divulgou estudos e revelou-se pesquisador incansável à procura da verdade. Foi às fontes documentais e revolveu arquivos, pois não lhe agradava fixar-se na tradição oral, sujeita, por sua própria natureza, a deturpações comprometedoras.

É muito conhecida a história do eclipse do Sol, objeto de recomendação do capitão ao sargento-ajudante e que, quando alcançou os soldados, através do cabo, tinha conteúdo tão distorcido que implicava em versão totalmente inverossímil do que seria possível ocorrer. O padre Antônio Vieira já nos advertira: "Os corações também têm orelhas: e estai certos que cada um ouve, não conforme tem os ouvidos, senão conforme

tem o coração e a inclinação . . . Cada ouvido é um caracol . . . E como as palavras entram passadas pelo oco deste parafuso, não é muito que quando saem pela boca, saiam torcidas . . . Torcidos os nomes, torcidos os verbos, torcidas as pessoas, torcidos os casos. Então dizeis que dissestes o que ouvistes . . . Como os ouvidos são dois, e a boca uma, sucede que, entrando pelos ouvidos duas verdades, sai pela boca uma mentira".

Pelo apego de Antônio Gomes de Freitas aos documentos a sua atuação assumiu, muitas vezes, caráter revisionista. Não importava se a retificação a fazer-se atingia Antônio Bezerra Pedro Théberge, João Brígido ou o Barão de Studart. Não se deteve diante de figuras de tamanha altitude. Mas procedeu sem presunção, simples e despretensioso, manso e cordato na crônica histórica tal como ele mesmo na comunhão social.

Os Inhamuns foram o seu mundo predileto. Afeições atávicas o prendiam aos vastos sertões de criatório, às serras que os circundam e delimitam, às correntezas que as invernadas transformam na beleza e no colorido de um rio.

A Antônio Gomes de Freitas não se aplicaria, porém, esta censura de Santo Agostinho: "Os homens admiram a altura dos montes, as imensas ondas do mar, as vertiginosas correntes dos rios a latitude interminável do oceano, o curso dos astros, e se esquecem do muito que têm de admirar em si mesmos".

Se não olvidou o mundo físico, muito menos esqueceu o mundo humano. Não teve a penetração introspectiva, nem o estritamente espiritual estava em suas cogitações. Mas viu o homem como artífice da obra de penetração e povoamento, persistente e bravo ante as intempérias, criador da fazendas como pólos de resistência, fixação e riqueza.

O mundo humano também com as acirradas lutas de clãs, que preocuparam sobremodo os governantes da Coroa; com os fervorosos adeptos da Revolução de 1817; com o regimento de audazes cavalarianos que pelejaram a favor da causa da Independência no Piauí e no Maranhão, uma epopéia ainda não exaltada nas suas reais e gloriosas dimensões; com os afoitos legionários que enfrentaram Pinto Madeira; com a heroína Jovita Feitosa à época da Guerra do Paraguai; com os destemidos combatentes da Missão, a rechaçarem um grupo da Coluna Prestes.

Em **Inhamuns — Terra e Homens,** publicado em 1972, pela Editora Henriqueta Galeno, Antônio Gomes de Freitas corporificou em volume de 199 páginas o paciente e exaustivo peregrinar pelo rumoroso passado da sua gleba natal, acreditando, como o escritor Nertan Macedo, que de lá nos vieram as melhores histórias cearenses. Histórias que atraíram Pedro Théberge, Antônio Bezerra, João Brígido, Barão de Studart, Joaquim Nogueira, Tomaz Pompeu de Sousa Brasil, Tristão de Alencar Araripe, José Pompeu, Gustavo Barroso, Joaquim Alves, Joaquim Pimenta e Hugo Catunda. Histórias que ainda hoje inspiram uma obra de envergadura como **Os Feitosas e o sertão dos Inhamuns,** do professor norte-americano Billy Jaynes Chandler, da Universidade da Flórida, livro de 175 páginas, muito bem estruturado, e que estenta opulante bibliografia. Histórias que ouço desde criança, porque meu pai viveu nos Inhamuns, envergou a farda vistosa de major da Guarda Nacional e emparelhou-se aos faustosos senhores que traziam dos primórdios o gosto pela ostentação e luxo. Desde aquele capitão-mor José Alves Feitosa, "príncipe de uma monarquia encourada, cujas armaduras e brasões eram trançadas do couro dos rebanhos", e que penetrava nas vilas acompanhado de bandas de música, vinha até o Forte e aqui promovia festas que terminavam em verdadeiras orgias. Histórias em que meu pai, decorridos os anos, foi parte, quantas vezes, pois que exercitou a promotoria nos Inhamuns e com a sua integridade e bravura moral enfrentou potentados para fazer valer, entre outros, o direito de órfãos de paternidade irregular e que, então como hoje, era tão freqüente nos descaminhos do sertão e das cidades. Histórias de uma terra e de uma gente as quais eu me ligaria um dia, ao desposar uma jovem dos Inhamuns, descendente dos Feitosas, dos Cavalcantes, dos Correias de Sousa e dos Benevides, e com ela constituir uma família de muitos e adoráveis filhos, família já agora enriquecida com a ternura e o encanto dos netos que também vão ser muitos.

São assim os Inhamuns, terra e gente que enfeitiçam. Se não escapam aos seus sortilégios os que provêm de outras paragens, muito menos os que lá nasceram e se formaram ao embalo de reminiscências influenciadoras de gerações e cuja marca alcança ainda a realidade atual, não obstante as mudanças e a evolução.

Os Inhamuns foram o tema de eleição de Antônio Gomes de Freitas. O que realizou como historiógrafo, notadamente nesse tocante, é que lhe assegurou a conquista de um lugar nesta ilustre confraria.

Recebeu-o, em nome do Instituto do Ceará, em noite como esta, o consócio Hugo Catunda. Uma saudação bela e conceituosa a deste esquivo

artesão do pensamento literário e das letras históricas. Oração revestida de permanente oportunidade, porque destaca os altiplanos em que esta Casa se situa e porque traduz a mensagem renovadora da investigação cientificamente orientada, como parte do conjunto dos estudos sociais que avultam e ganham alento nos dias atribulados de hoje. Discurso feliz porque nos transmite imagem real do recipiendário na área da historiografia, apontando a valiosa contribuição dada por ele para colocar os fatos "dentro da sua perspectiva, da sua evidência e realidade".

Ao ingressar, oficialmente, no Instituto do Ceará, Itamar Espíndola rende o preito do seu respeito e admiração à memória de Antônio Gomes de Freitas. Da minha parte, associo-me, comovidamente, a esta homenagem, que tanto é justa quanto sincera.

O Colecionador de Jornais

Na sucessão de José Oswaldo de Araújo neste Instituto uma coincidência a assinalar: o jornalismo estabelece uma ponte entre o querido consócio que se foi e o que o substitui por contingências que escapam ao controle do homem mortal.

A vida proporcionou-me a incursão por atividades outras, como a política, a administração e o magistério, mas o jornalismo, em caráter profissional, não teve alternâncias. José Oswaldo de Araújo palmilhou, por igual, caminhos vários. Foi comerciante, como o pai, presidente e diretor de associações de classe e entidades sociais, vereador e Presidente da Câmara Municipal do Ipu, inspetor de companhia de seguros, burocrata do serviço público. O jornalismo acompanha-o, porém, sem intermitência, em termos amadorísticos, e de maneira singular.

Jovem ainda, passa a colaborar em jornais do Ipu, de Camocim e Sobral e edita boletins informativos. Posteriormente, ao fixar residência em Fortaleza, com assiduidade freqüenta as páginas dos principais diários da cidade e escreve para revistas desta como de outras províncias.

José Oswaldo de Araújo ganha expressão nacional com a sua coleção de periódicos e que para ele se constituiu, depois da família e do Ipu, outra grande obsessão. Preciosidade histórica, de cuja importância nem sempre nos apercebemos. Começou-a em 1910, quando tinha 16 anos, e conservou-a pelo tempo afora, até ao último alento. "Como quase todo

adolescente — disse ele — gostava de colecionar cousas e deu-me na telha coligir jornais. Coincidentemente, ao iniciar a minha pacífica mania, encontrei entre os jornais velhos de meu pai três exemplares de primeiras edições. Eis a gênese do meu "hobby".

A coleção representou para José Oswaldo de Araújo motivo de encantamento espiritual. São suas estas palavras: "A concretização e continuidade deste propósito, inspirado num idealismo de finalidade meramente histórica e cultural, me tem trazido fortes compensações, expressas, sobretudo, por novas e honrosas amizades. São colaboradores espontâneos e generosos, inclusive pessoas desconhecidas, que, dos mais longínquos pontos do País, enviam exemplares preciosos para o enriquecimento da minha coleção de primeiro número de jornais e revistas do Brasil. São gestos de franca solidariedade humana, que me trazem a confortadora certeza de que nem tudo está perdido nesta época de ostensivo utilitarismo".

Por que coleção de primeiros números? Na resposta está a sabedoria da decisão de José Oswaldo de Araújo. Dificilmente, outro Estado apresenta, como o Ceará, estabelecidas as devidas proporções, igual florescência no tocante à publicação de periódicos. É a fatalidade da proliferação de jornais, que não se evidenciou apenas entre nós, porque é nacional, e que continua até hoje. Mas a grande maioria dos periódicos teve vida efêmera. Alguns não foram além do primeiro número, como o **Barrete Plirygio,** de Júlio César da Fonseca, editado em Aracati. Jornalzinho republicano extremamente agressivo, até na cor em que foi impresso, o vermelho, estampou o hino revolucionário que tinha por estribilho: **quebre-se o cetro do rei/rasgue-se o manto real.** A polícia apreendeu-o e não voltou a circular.

Outra circunstância, que valoriza a coleção, é que o primeiro número de um periódico, seja de cunho literário, religioso ou político, ostenta a orientação do órgão, desfralda a bandeira que se propõe defender, expõe objetivos e traça diretrizes a seguir. Espelha momento de definição, é grande ou mini-retrato de uma época, com sua problemática, anseios e frustrações. É campo apetitoso para pesquisa, investigação e análise sociológica.

O início foi modesto nem haveria de ser o contrário. Três exemplares apenas, como registra José Oswaldo de Araújo. O colecionador, qual-

quer que seja o campo, tem de forrar-se de qualidades sem as quais o insucesso é inevitável. Deve saber esperar, não pode desanimar diante dos fracassos episódicos.

Paciência e constância não faltaram ao saudável maníaco do Ipu. Amigos incumbiam-se de divulgar a iniciativa. Depois, veio a alvorada da publicidade. Se as ofertas eram parcas, passaram a ser abundantes. Ao morrer, em 1975, a sua coleção tinha 7.250 primeiros números. E todo o seu trabalho sistematizado, um modelo de organização que compreende pastas de referência e catálogos, distribuídos por estantes fichários de aço.

Que coleção de atraentes curiosidades! Lá estão o **Diário do Governo do Ceará**, de 1o. de abril de 1824, o primeiro jornal deste Estado, que conheceu imprensa antes de São Paulo, Rio Grande do Sul e várias outras províncias, diário que só circulava duas vezes por semana, às quartas-feiras e aos sábados, **O Pão**, de 10 de julho de 1892, o primeiro jornal literário do Ceará, órgão da Padaria Espiritual; **Jogo dos Bichos**, de Fortaleza, de 5 de setembro de 1897, com instruções e propaganda sobre o jogo do bicho; **Maracajá**, de Fortaleza, de 7 de abril de 1929, folha modernista, dirigida por Antônio Garrido, pseudônimo de Demócrito Rocha, e por Paulo Sarasate e Mário de Andrade; **Jornal de Princeza**, de 21 de junho de 1930, órgão oficial do Território de Princesa, Governo de José Pereira; **Jornal das Trincheiras** de São Paulo, de 19 de agosto de 1932, porta-voz da Revolução Constitucionalista; **A Liberdade**, de Natal, com data de 27 de novembro de 1935, órgão oficial do Governo Comunista instalado no Rio Grande do Norte e que teve a duração de três dias; **O Jornal**, de Campos Sales, de 21 de agosto de 1949, e **O Diamente**, de Milagres, de 19 de novembro de 1949, ambos escritos a mão, e com tão boa diagramação, que provocariam inveja a muitos periódicos de hoje. Jornal sem título, jornal com erro de revisão até no título, jornais estrangeiros impressos no Brasil, últimos números de jornais.

Coleção, como esta, haveria sempre de despertar inusitado interesse. Todas as vezes em que José Oswaldo de Araújo preparou exposições, para exibição dos exemplares mais raros não lhe faltou público, jamais escassearam expressões de louvor e estímulo ao seu labor e pertinácia.

Agora, que ele já não mais partilha do nosso convívio, uma indagação se impõe: que destino aguardará a coleção? A família a conserva com inexcedível desvelo, até como forma de reverenciar o seu chefe inesquecível. De diferentes pontos do Brasil afluem primeiros números de periódi-

cos, mais de 400 até hoje, depois do falecimento do pranteado consócio. Não seria o caso de o acervo ser entregue à guarda de uma instituição pública, que o mantivesse na sua integralidade, que o microfilmasse e que, do mesmo passo, assegurasse a sua expansão?

Se assim ocorrer, ter-se-á não só prestado um tributo de reconhecimento ao insigne pioneiro, como resguardado um repositório de inestimável valimento para a pesquisa e estudo do jornalismo como das ciências sociais em geral.

Pedro Nava, em **Baú de Ossos,** ao referir-se ao seu avô, afirma: "Sua grandeza, como se verá, vinha das qualidades — de que basta o homem ter uma — para tornar-se merecedor da vida: a retidão, a bondade, a inteligência".

Quem privou da intimidade de José Oswaldo de Araújo sabe que ele tinha não apenas uma dessas qualidades, mas reuniu as três. Foi reto, bondoso e inteligente. Creditou-se à vida e à lembrança amorável dos amigos.

Não faltaria, nesta hora, a evocação de três nomes, luminares nesta Casa, e que declino ungido de respeito e saudade: Demócrito Rocha, o chefe e o mestre; Fernandes Távora, o aristocrata do espírito, e José Aurélio Câmara, o amigo, extrovertido e bom, e que comigo se identificava pelas preocupações e anelos.

O Cientista Social

Senhora, senhores:

Entendia Joaquim Nabuco que "a verdadeira sinceridade intelectual consiste primeiramente em saber discernir o que está, e o que não está ao nosso alcance; o que é tarefa individual, e o que é tarefa coletiva; o que a humanidade pode fazer e refazer, e o que Deus reservou para si".

Conscientes estamos, os que hoje preenchemos os claros abertos nas fileiras do Instituto do Ceará, de que há tarefas pessoais a cumprir. E não fugiremos a elas. Porque acreditamos que o bom desempenho das partes é condição essencial para o sucesso de um organismo como este no seu todo.

Mas a nós se nos afigura indispensável uma ação coletiva do Instituto do Ceará e de outras parcelas da comunidade, a fim de que não se eternizem concepções anacrônicas desfiguradoras do estudioso das ciências sociais, que procura no passado a interpretação do homem e do meio físico e dos acontecimentos em que ambos intervieram. Procura, não por mero deleite intelectual, mas para ajudá-lo na compreensão do presente e orientá-lo quanto ao futuro.

Há uma mentalidade, infelizmente muito arraigada, que compromete a imagem de certas instituições. Insinua-se que elas estão ligadas a um mundo morto e que os seus integrantes se contentam em revolver o passado. A partir daí já não se estranha o próprio comportamento político, em seus diferentes níveis, alheio a uma visão integrada de passado, presente e futuro, para fixar-se nas injunções do momento, sob influências tipicamente casuísticas, para empregar o termo da moda.

Na política, na economia, na educação, para só citar essas três áreas de atuação, esquece-se, quantas vezes, o processo evolutivo, a pretexto de promoção de inovações que não passam de cópias servis de experiências em que outro era o homem, diversa a terra e inconfrontáveis as condições sociais.

E o resultado são os dilemas com que continuamos a defrontar-nos. Na política, engatinhamos à procura de um modelo; na economia, ainda se buscam alternativas, diante de uma industrialização mal dirigida e sem o suporte de uma agricultura modernizada na posse e no uso da terra; na educação, logo se adota uma reforma, nem sempre atenta às nossas peculiaridades, e já se cogita da sua reformulação, gerando-se situação de incerteza e até anárquica, que abala nos fundamentos a formação cultural e moral da juventude.

Por força de fatores diversos, o País ostenta o espetáculo de extensos bolsões de pobreza, mais acentuadamente na região nordestina. Distante encontra-se aquele estado social que assegure distribuição racional e humana da riqueza e proporcione a todos o bem-estar dos nossos sonhos e cogitações.

Não se veja, no enunciado, a tendência à complicação de que fala William V. Haney: "Uma vez que alguém defina determinado problema como complexo, sua inclinação será invariavelmente a de procurar uma solução através de técnicas complexas". Não há por que atenuar o que se

apresenta grave nem procurar tintas suaves para pintar um quadro de duas e cruas imagens. Os próprios pronunciamentos presidenciais encerram análises incisivas.

Tem sabor humorístico episódio registrado no Congresso Nacional. Um parlamentar da Oposição iniciou a sua oração com palavras textuais do discurso proferido pelo ex-presidente Médici no Nordeste, quando da manifestação de mais uma calamidade pública decorrente da irregularidade das chuvas. Logo terminou a citação, sem mencionar o seu autor, recebia aparte de um porta-voz do Governo, mais realista que o rei, e que tentava contraditar o que era opinião do primeiro Mandatário.

Na apreciação da problemática do Brasil impõe-se, isto sim, que não esqueçamos o que de acertado se fez, e se fez muito, e não desconheçamos o que está em realização, e a obra tem aspectos portentosos. Mas atentos estejamos, sobretudo, para os desafios do futuro, para que não os enfrentemos ao sabor da improvisação, do despreparo e das paixões.

O cientista social tem um lugar preeminente na elaboração de uma política nacional, entendida esta na sua ampla e genérica conceituação. Aceito o pressuposto, abrem-se duas avenidas para absorção e concretização da tese. A primeira, a ser percorrida pelo próprio especialista, cujo conhecimento não pode ser um simples ornamento do espírito, mas um elemento atuante e engajado nas preocupações do seu tempo, apto a oferecer concurso para identificar problemas e encaminhar soluções. A segunda avenida é reservada aos chamados a desempenhar cargos de mando e que, por mais preparados para os postos que empolgam, necessitam ainda das luzes da ciência, a fim de alcançarem o acerto e o equilíbrio das decisões.

É com estes pensamentos, eminentes consócios, que ingressamos na vossa companhia, dispostos a servir à comunidade e ao Instituto do Ceará, envidando esforços para não desmerecer o patrimônio cultural desta Casa do Saber. Que a Providência não nos falte com as suas bênçãos.

Muito obrigado.